

**PRAÇA DA LIBERDADE**



POR  
**Orlando Monteiro da Silva**  
Antigo Bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas

Pedro Nuno Santos afirmou no Congresso do Partido Socialista: “Iremos promover um programa de saúde oral que de forma gradual e progressiva garanta cuidados aos portugueses no SNS. E nesse esforço será fundamental a criação de uma carreira de medicina dentária no Serviço Nacional de Saúde”. Ao ouvir tal promessa solene, central no discurso do novo secretário-geral do Partido Socialista não pude evitar uma sensação profunda de déjà-vu...

O Partido Socialista, desde 2016, criou três grupos de trabalho, um projeto-piloto, dois documentos estratégicos e assinou diversos protocolos de intenções. Afirmou várias vezes a necessidade de criar uma carreira de medicina dentária, chegando mesmo a anunciá-la em 2017.

Depois de tantas promessas e anúncios por parte de diferentes responsáveis governamentais

# Pedro e o lobo: a medicina dentária no SNS

desde 2016, não correrá Pedro Nuno Santos o risco de ser interpretado pela população da mesma forma que o outro Pedro, o da história infantil do “Pedro e o lobo”, que de tanto anunciar à aldeia que vinha aí lobo sem que tal se verificasse, quando o animal veio ninguém acreditou. E será que o lobo alguma vez virá?

Recordemos que atualmente menos de 20% dos portugueses

conseguem aceder a cuidados de saúde oral. Aqueles que têm capacidade económica para pagar os tratamentos nos consultórios privados diretamente do seu próprio bolso, ou indiretamente por seguros de saúde, os beneficiários da ADSE e os sortudos utentes do SNS que conseguem ser referenciados para os poucos centros de saúde e hospitais onde existem gabinetes de saúde oral.

E, já agora, o que pensam os restantes partidos políticos desta questão a que Pedro Nuno Santos, muito bem, emprestou destaque central no Congresso do PS, como é a do acesso à medicina dentária? De que forma deverá ser operacionalizada? Duplicando a oferta no SNS ou aproveitando os mais de cinco mil consultórios de medicina dentária que existem no país, contratando pelo Estado tratamentos para a população? Ou uma combinação de ambas as abordagens?

Atento à realidade e aos anseios da nossa população, depois de 30 anos de exercício clínico da profissão e de 20 como bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas, creio que estou a interpretar bem o sentir da população, dos destinatários da medicina dentária se se preferir, ao colocar estas questões para as quais se esperam respostas efetivas e sobretudo... ação concreta!

## Norte também no Espaço



POR  
**António Cunha**  
Presidente da CCDDR-N

Para o Norte, a tal região industrial e exportadora, a centralidade das transições digital e ambiental é inquestionável, bem como dos processos de inovação que lhe estão associados. Catapultar a região com base nestes desafios, reforçando a sua afirmação internacional, exige uma aposta dual: no robustecimento do seu tecido produtivo com massa crítica; e na promoção de setores emergentes de grande valor acrescentado. Neste racional, o Norte tem vindo a posicionar-se no setor aeroespacial com iniciativas da sua CCDDR, que tendo vindo a preparar com o Pt Space as bases de uma estratégia regional para o espaço, bem como de importantes desenvolvimentos de agentes públicos e privados. A UMinho tem em funcionamento uma licen-

ciatura e um mestrado específicos para setor e a UPorto também tem atividade relevante neste domínio, permitindo antever uma capacidade regional de formação de especialistas de alta qualidade. Acresce que entidades de I&D ligadas a estas universidades, como o INESC TEC, o INEGI e o PIEP, desenvolvem atividade meritória neste domínio, incluindo projetos com a Agência Espacial Europeia (ESA) ou a Airbus e outras empresas de referência internacional. O CEiiA criou um importante centro de desenvolvimento para o setor, posicionando-se no mercado internacional da engenharia espacial, lidera a agenda mobilizadora do PRR do espaço e é âncora da atividade da Geosat na Região – responsável pela constelação nacional de satélites. Várias empresas da região têm vindo a dedicar crescente atenção ao setor, diretamente ou através de spin-offs, como são os casos da Corticeira Amorim, da Frezite ou da Efacec.

Este metabolismo tem aumentado a atratividade da região, levando à fixação de empresas estrangeiras do setor no

Grande Porto. Novos desenvolvimentos estão anunciados, nomeadamente pela Câmara de Guimarães que, conjuntamente com a UMinho, construirá na cidade um grande complexo para acolher cursos de formação superior e atividade de investigação aeroespacial.

Cada vez mais monitorizaremos a Terra, a partir do seu espaço sideral, para questões ambientais, de gestão florestal ou controlo ambiental. Cada vez mais, será generalizada a utilização de comunicações com recurso a satélites, para redes públicas ou privadas. Cada vez mais, assistiremos a uma democratização do acesso ao espaço com a multiplicação de soluções de lançadores e de diferentes tipos de satélites e de outros dispositivos. A produção de componentes e de software para estes equipamentos, bem como a valorização da informação por eles produzida, cria oportunidades que Portugal e o seu Norte industrial devem querer e saber aproveitar. A CCDDR Norte, IP, estará empenhada na indispensável concertação de atores em torno deste objetivo.

## Líderes que derrubam muros



POR  
**Fernando Calado Rodrigues**  
Padre

Há 60 anos aconteceu, para muitos historiadores, um dos eventos religiosos mais importantes do século XX: a viagem de Paulo VI à Terra Santa, de 4 a 6 de janeiro de 1964. Na oração do ângelus no último sábado, o Papa Francisco recordou essa viagem e destacou o encontro de Paulo VI com o patriarca ecuménico Atenágoras – líder da Igreja Ortodoxa – “quebrando um muro de incomunicabilidade que manteve católicos e ortodoxos separados por séculos”.

Foi a primeira viagem internacional de Paulo VI e a primeira vez que um Papa viajou de avião. Deu início a uma das atividades mais relevantes de um Pontífice: as viagens. Paulo VI também ficou para a história como o primeiro Papa a visitar os cinco continentes.

Essa sua primeira viagem teve ainda o condão de reforçar na Igreja Católica o diálogo ecuménico e a promoção da unidade dos cristãos. O Concílio Vaticano II, que decorria quando Paulo VI visitou a Terra Santa, encarregou de refletir e de o definir como um dos dinamismos a indicar aos católicos.

Esta foi uma das quatro prioridades de Paulo VI para o Concílio. As outras eram uma melhor compreensão da Igreja Católica, a sua renovação e o diálogo com o mundo contemporâneo.

Estes dinamismos que Paulo VI procurou implementar no catolicismo são aqueles que o Papa Francisco agora procura recuperar com a insistência numa “Igreja em saída”.

Vivem-se tempos em que se promove o medo em relação aos que são de outra cultura, raça, igreja ou religião. Que são classificados como os “maus”, para arremeter os “bons”, seja para ganhar eleições ou para estimular o terrorismo ou a guerra. Hoje, como nunca, são precisos líderes como Paulo VI, mais preocupados em lançar pontes do que em erguer muros. Capazes de promover o diálogo e a reconciliação entre aqueles que se habituaram a odiar-se, porque a isso foram levados.